

SUFIXOS NÃO NEUTROS EM INGLÊS: UMA ANÁLISE DE INTERFACES

Guilherme Duarte Garcia¹

guilhermi@me.com

RESUMO: A pesquisa na qual o presente trabalho está inserido pretende examinar como se dá a aquisição de sufixos não neutros do inglês por falantes de português brasileiro (PB). Um dos principais objetivos desse projeto é olhar para a o processo de aquisição em questão através da Teoria da Otimidade (OT, Prince & Smolensky, 1993). Pretende-se, ainda, entender que restrições são demovidas ao longo do aprendizado dos sufixos em questão, partindo-se de um nível linguístico pré-intermediário e chegando-se a um nível avançado/pós-intermediário. Tradicionalmente, os sufixos de língua inglesa são divididos em dois grupos (cf. Siegel (1974), Allen (1978), Kiparsky (1982), etc.): neutros, que não alteram fonologicamente a raiz (e.g.: hAppy > hAppi-ness), e não neutros, que, aqui, serão subdivididos em dois tipos: (i) alteram o acento da raiz (ecOnomy > econOmic-al) ou (ii) atraem o acento para si (emplOy > employEE) – estes resultando em palavras oxítonas. No que diz respeito ao padrão acentual do inglês, palavras paroxítonas são preferidas a proparoxítonas ou oxítonas (Hayes (1982); Halle & Vergnaud (1987); Yavas (2006)). Em PB, paroxítonas também são preferidas, seguidas de oxítonas e proparoxítonas (Collischonn (2001)). Assim, como oxítonas são menos favorecidas nas duas línguas em questão, o grupo (ii) dos sufixos não neutros pode representar um entrave para a aquisição desses sufixos ao longo do aprendizado de inglês como língua estrangeira por falantes de PB. Este trabalho examinará um teste piloto de produção de fala aplicado a cinco respondentes de nível intermediário (B1). Os resultados preliminares do teste piloto apontam para uma maior transparência de sufixos não neutros que deslocam o acento no interior da raiz, possivelmente porque o padrão acentual dessas formas é o padrão preferível em L1 e L2 – paroxítonas.

PALAVRAS-CHAVE: morfofonologia, afixos, aquisição de segunda língua.

INTRODUÇÃO

O estudo da aquisição de afixos como L2 é consideravelmente recente. Embora afixos sejam, em si, um tema bastante frequente em estudos morfológicos e fonológicos, sua análise em um contexto de L2 tende a receber menos atenção. Nagy et al. (1993), por exemplo, explorou as dificuldades enfrentadas por falantes de japonês ao aprenderem afixos do inglês. Aizawa & Mochizuki (1999), partindo do princípio de que talvez houvesse um possível ordenamento na aquisição de afixos em L2, fato este bastante discutível, dadas as variáveis extralinguísticas envolvidas no contexto de aprendizado de L2, tais como horas de exposição,

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

tipo de material utilizado, tipo de instrução (explícita/implícita) entre outras. Mais recentemente, Stander-Farias (2007) e Silveira (2010) analisaram a aquisição do acento primário em L2 quando há afixação.

O interesse deste estudo é observar como morfologia e fonologia interagem na aquisição de uma língua estrangeira. Mais especificamente, objetivamos examinar como se dá a mudança de padrão acentual frente à afixação em L2: que estratégias os falantes utilizam para determinar alterações fonológicas em palavras derivadas? Essas estratégias são alteradas de acordo com o nível linguístico do falante? Há sufixos que são percebidos por falantes de PB como morfemas que causam alteração de natureza fonológica? Essas são algumas das questões orientadoras do pesquisa na qual este artigo está inserido.

A etapa inicial aqui descrita retrata o teste-piloto aplicado a falantes de PB e os resultados atingidos. Primeiramente, revisaremos que sufixos serão analisados e como os subdividimos. Em seguida, será descrito o método do estudo-piloto, a partir do qual os resultados serão analisados.

1. AFIXOS

A língua inglesa apresenta prefixos (morfemas antepostos à base), infixos (morfemas inseridos no interior da base) e sufixos (morfemas pospostos à base). Infixos são raros – embora não improdutivos – e não serão objeto da presente análise. Prefixos não alteram classes gramaticais e são fonologicamente neutros. Em outras palavras, prefixos não alterarão a qualidade de segmentos da raiz e tampouco a posição do acento primário da palavra derivada. Nosso interesse é observar a interface morfofonológica e, portanto, concentraremos nossa análise nos sufixos, uma vez que estes podem, além de alterar classes gramaticais, (a) alterar a qualidade de um segmento da raiz (nation > nation-al) ou (b) a posição do acento primário (grAmmar > grammArian).

Nem todos os sufixos de língua inglesa, contudo, causam alguma alteração fonológica: em hAppy > hAppi-ness, por exemplo, não temos alterações do tipo (a) nem (b) descritas acima. Chamamos sufixos como -ness de neutros, pois não modificam fonologicamente a raiz. Sufixos como -ian, acima, são comumente chamados de não neutros. Chomsky & Halle, no modelo descrito no SPE (1968), utilizam fronteiras fortes e fracas para explicar por que alguns sufixos causam mudança fonológica na base e outros não. Outros estudos abordaram a diferença de classes sufixais do inglês, como Siegel (1974), Allen (1978) e a Fonologia e Morfologia Lexical (LPM) (Kiparsky (1982)), que trata essa diferença através de

estratos/níveis (nível 1 para sufixos não neutros – e, portanto, mais idiossincráticos/marcados) e nível 2 para neutros, i.e., mais regulares/previsíveis).

O caráter menos previsível da sufixação não neutra é exatamente o que procuramos examinar em falantes aprendizes de língua inglesa. O fato de haver alteração na raiz certamente deve representar maior complexidade, uma vez que essa alteração não pode ser simplesmente pré-determinada a partir de alguma característica natural do sufixo em si. Em outras palavras, não há nada dentro de um sufixo que explique se o mesmo será neutro ou não neutro. Por essa razão, pressupõe-se, em diversos estudos, que essa diferenciação esteja marcada no léxico.

Os sufixos não neutros, objeto deste estudo, ainda podem ser divididos em dois subgrupos: aqueles que atraem o acento para si (stress-bearing ou SB) e aqueles que alteram a posição do acento dentro da raiz (stress-shifting ou SS). Ambos, de certa forma, atraem o acento em direção à borda direita da palavra. Contudo, sufixos do tipo SB retiram o acento da raiz e o colocam sobre si. Ainda, dentro do grupo de sufixos não neutros, há subdivisões, que não serão exploradas na etapa descrita por pelo presente artigo. Os grupos de sufixos descritos até o momento podem ser vistos em (1).

(1) Sufixos

(1a) Sufixos não neutros

Stress-shifting

-ial, -ify, -ian ...

Stress-bearing

-ee, -eer, -ese ...

(1b) Sufixos neutros

-ness, -less, -ing [...]

PADRÕES ACENTUAIS

L1 e L2 apresentam padrões similares de acento. Em português, sabemos que o acento em não verbos² recai sobre uma das três últimas sílabas. Há preferência da língua por acento paroxítono (Collischonn, 2001), que compõe a grande maioria das palavras de L1: terminação em vogal (cV) resulta em padrão paroxítono (Lee, 2007; p. 122). Proparoxítonas são mais

² Foco deste trabalho.

marcadas e tendem a ser evitadas por falantes nativos por meio de, por exemplo, redução (fós.fu.ru > fós.fru). O acento em português foi estudado por Bisol (1992), Lee (1994), Wetzels (1991) entre outros.

Ainda sobre a L1 em questão, trata-se de uma língua em que o acento é sensível ao peso silábico e, portanto, se pesada, a última sílaba recebe o acento principal em casos regulares. As tendências descritas aqui serão importantes para a discussão dos resultados obtidos no teste piloto de produção de fala, em que os respondentes supostamente devem sofrer influência do acento de sua L1 durante o aprendizado da posição do acento em L2.

(2) Exemplos de oxítonas regulares: sílabas finais pesadas (cf. Lee (2007))

- a. rapáz, felíz, país
- b. anél, tonél, papél
- c. amór, tutór, menór
- d. irmã, atúm, armazém
- e. herói, chapéu, degráu

O acento em L2 (inglês) também tem preferência por paroxítonas (Hammond, 1999). Também sensível ao peso silábico, em verbos e adjetivos não sufixados, acentua-se a sílaba final caso esta contenha vogal longa ou minimamente duas consoantes. Nos demais casos, segue-se o padrão paroxítono. O acento em inglês foi objeto de estudo de Hayes (1982), Halle & Vergnaud (1987) entre outros.

Em nomes – objeto deste trabalho –, a sílaba final é sempre acentuada se possuir vogal longa. Para nomes polissilábicos, acentua-se a penúltima sílaba caso esta seja pesada. Caso contrário, acentua-se a sílaba à sua esquerda – padrão proparoxítono. Em suma, em palavras com mais de duas sílabas, espera-se que o acento seja paroxítono (default), oxítono (caso a última sílaba contenha vogal longa) ou proparoxítono (caso o acento default não seja atribuído pela segunda sílaba ser leve. Há, é claro, casos idiossincráticos (como sílabas leves que recebem acento primário – comumente abordados como marcados lexicalmente). Para o presente trabalho, é suficiente compreendermos que o acento default em não verbos em L1 e em L2 é, grosso modo, paroxítono.

MÉTODO

Em uma etapa inicial deste estudo, compararam-se sufixos neutros e não neutros na fala de estudantes de nível linguístico intermediário. O grupo de sufixos neutros foi utilizado para que pudéssemos consolidar o fato de que esse grupo, por ser regular e não causar alterações fonológicas, deve representar menor dificuldade aos falantes – algo que foi comprovado em nossos resultados, que mostraram a maior complexidade do grupo de sufixos SB e SS.

A partir dos resultados encontrados na etapa inicial descrita acima, elaborou-se o teste empírico que será descrito neste trabalho. O intuito deste teste era verificar o comportamento dos falantes de PB aprendizes de inglês como L2 no que concerne os sufixos em (1a). Seguem, abaixo, as questões orientadoras deste trabalho:

(3) Questões orientadoras

- a. Há alteração na posição de acento nas palavras sufixadas?
- b. A alteração na posição do acento tem maior índice em sufixos SS ou SB?
- c. Qual o papel dos padrões acentuais de L1 e L2 no aprendizado de SS e SB?
- d. É possível afirmar que há uma ordem de dificuldade entre SS e SB?

Para responder às quatro questões acima, foi elaborado um teste com (i) palavras isoladas (base + derivada) e (ii) palavras hipotéticas (base + derivada) que seguissem os padrões fonotáticos da língua-alvo. É importante salientar que cada um desses grupos apresentou tanto bases quanto bases + sufixos, uma vez que é necessário verificar a produção de fala da base isolada para que, na palavra sufixada, possamos determinar se houve ou não percepção de que o sufixo anexado deveria causar alteração na posição do acento. Por exemplo, em uma palavra como gramMarian, a única forma de afirmarmos que houve mudança na posição do acento é apresentar a base GRAMmar ao respondente e, assim, comparar ambas as produções. Além de (i) e (ii), frases com as palavras derivadas foram utilizadas para que pudéssemos comparar as produções de palavras isoladas e em contexto. As frases deveriam apresentar maior índice de acerto, uma vez que a característica rítmica do inglês obriga o acento a recair sobre determinadas sílabas:

(4) Oração com acentos demarcados

Three mountaineers are stuck at the top of the mountain.

Em (4), podemos ver que há uma tendência prosódica que, de certa forma, “força” o acento da palavra destacada a cair sobre sua última sílaba. A palavra em questão (mountaineers) pode, dessa forma, apresentar o acento correto na produção de aprendizes não por haver uma consciência de posição de acento ou de mudança dessa posição pela anexação do sufixo –eer(s), mas porque a oração em si – e seu ritmo – obriga tal posição. De fato, encontramos tais resultados em nossos dados. Por essa razão, somente o estudo piloto contemplou palavra sufixada em oração, uma vez que temos interesse na consciência do falante quanto ao sufixo per se e a mudança na posição do acento da palavra derivada que dele resultará.

Cinco foram os estudantes selecionados para este teste piloto. Todos eles encontravam-se em estágio intermediário (B, cf. CEF). A produção de fala de cada estudante foi gravada e analisada com o objetivo de identificar a posição de acento escolhida por cada um dos participantes. Seus resultados serão discutidos na próxima seção.

Os sufixos stress-shifting utilizados neste teste empírico foram: -ian, -ial, -ical, -icide, -ic, -ify, -ious, -ity, -ometer. Os stress-bearing, -ade, -aire, -ation, -eers, -ese, -esque, -ette, -itis, e -ee. Nesta etapa, não houve outras subdivisões (como número de sílabas, por exemplo). Esta e outras questões serão abordadas na seção final – questões residuais.

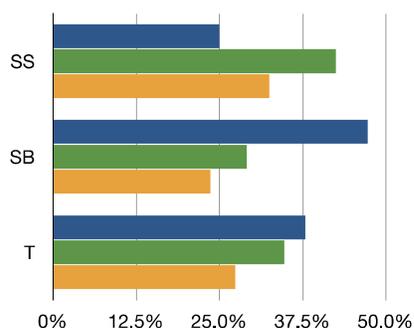
RESULTADOS

Os resultados encontrados mostraram parecer haver de fato uma percepção sobre a presença dos sufixos em questão. Isso porque tanto o grupo de palavras existentes quanto o grupo de palavras hipotéticas apresentaram comportamentos similares no que tange ao acento e sua posição no interior da palavra. Como consequência, a ideia de que há lexicalização das palavras como unidade única deve dar lugar à ideia de que a aprendizagem de bases e afixos ocorre desde níveis pouco avançados.

(5) Sufixos stress-shifting e stress-bearing; palavras reais e palavras hipotéticas

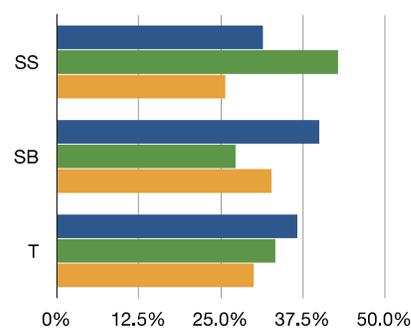
5a

Raízes existentes + R-S em contexto isolado



5b

Raízes hipotéticas + R-S em contexto isolado



(Azul: nulo; Verde: mudança default; Amarelo: mudança não default)

No eixo vertical em (5) vemos o tipo de sufixo (SS ou SB) e o total para ambos. No eixo horizontal, a porcentagem de produção (nula, com a mudança default de acento, com mudança de acento não default). Da mesma forma, 5a mostra os resultados relativos a palavras existentes e 5b, a palavras hipotéticas.

Podemos ver que, para palavras reais e hipotéticas, o maior índice de não alteração de acento (i.e., nulo) ocorreu em sufixos SB. Esse fato vai de encontro ao padrão oxítono para sílabas finais pesadas, como visto anteriormente. Em outras palavras, embora as palavras apresentadas aos participantes possuíssem sílabas finais pesadas, houve preferência por não alteração de acento. Como não há vogais longas em PB (L1), podemos hipotetizar que, para os respondentes em questão, vogais longas ainda não são transparentes em L2 e, conseqüentemente, não é possível abordar a atração de peso a sílabas com tais vogais.

Sufixos do subtipo SS obtiveram índices mais elevados para acerto (\neq em 5ab). Ou seja, houve maior mudança na posição de acento, que foi deslocado para a sílaba-alvo em L2. Neste grupo de sufixos, houve mais tentativas de deslocar o acento ($*\neq$) em palavras reais do que em palavras hipotéticas (v. 5ab). O contrário ocorreu com o grupo de sufixos SB, que apresentou maior índice de $*\neq$ em palavras hipotéticas – o que pode indicar maior transparência desses sufixos aos respondentes, uma vez que mesmo em um contexto em que a base é inexistente na língua-alvo, houve um considerável número de deslocamentos de acento. A sílaba que recebeu o acento, contudo, não foi a sílaba-alvo.

CONCLUSÕES

Esta etapa da pesquisa intitulada “Afixos de língua inglesa: análise de interfaces” apresentou dados iniciais que mostram como falantes de PB com nível intermediário em L2 (inglês) reagem quanto a mudanças na posição de acento frente à anexação de um determinado tipo de sufixo. Revisitaremos, agora, as questões orientadoras (3) deste trabalho.

a. Há alteração na posição de acento nas palavras sufixadas?

De modo geral, sim. Em todos os casos (5ab), a não alteração (nulo) de acento tem índice inferior a alteração-alvo (\neq) e alteração não alvo ($*\neq$) juntas. Parece, portanto, ser possível explorar a ideia de que os aprendizes participantes percebem a presença de um elemento (morfema/sufixo) que deve causar algum tipo de alteração fonológica.

b. A alteração na posição do acento tem maior índice em sufixos SS ou SB?

Os sufixos SS apresentaram maior aplicação de alguma mudança na posição do acento – tanto para sílabas-alvo quanto para sílabas não alvo.

c. Qual o papel dos padrões acentuais de L1 e L2 no aprendizado de SS e SB?

Partindo do fato de que sufixos SB resultam em oxítonas e que sufixos SS resultam, muitas vezes, em paroxítonas, podemos entender por que estes apresentaram menor índice de dificuldade. Descartemos a hipótese de que os respondentes em questão tenham consciência sobre o peso silábico de vogais longas em sílabas finais de L2. Nesse caso, SB com esse tipo de sílaba não deveria resultar em padrão oxítono para o falante de PB, já que, ao partir da sua gramática de L1, ele baseia-se no princípio de que sílabas finais leves não devem ser acentuadas. Esse resultado vai ao encontro do que temos em (5), uma vez que esse tipo de sufixo (SB) teve um índice alto de não aplicação (nulo).

Além disso, se imaginarmos que a palavra não sufixada é dissilábica e oxítona (e.g.: em'ploy), à sufixação de –ee, é compreensível que o falante de PB escolha a opção nula (e não $*\neq$), já que esta gerará uma paroxítona: em.'ploy.ee. Para o falante, o ditongo na palavra base poderia ser entendido da mesma forma que o ditongo em L1, resultando em uma sílaba final pesada e, assim, justificando sua produção oxítona (paroxítona na palavra derivada).

Esses fatos resultam em uma pronúncia de em'ploy com acento final em 100% dos casos e em um alto índice de mudança nula de acento na respectiva derivada employee.

O papel dos padrões acentuais de L1 e L2 será um dos principais temas das próximas etapas desta pesquisa.

d. É possível afirmar que há uma ordem de dificuldade entre SS e SB?

Esta etapa ainda não nos permite fazer afirmações dessa natureza. Para isso, mapearemos mais finamente os sufixos em questão e analisaremos suas produções de acordo com o número de sílabas, acento resultante, peso silábico etc.

QUESTÕES RESIDUAIS

As próximas etapas desta pesquisa deverão contemplar os três níveis linguísticos (A, B, C de acordo com o Quadro de Línguas Europeias (CEF)) e examinar como cada um deles reage frente à mudança do acento primário de não verbos sufixados com sufixos não neutros. Ao partir, nos níveis iniciais, de uma gramática de L1, o aprendiz deve adquirir, durante seu desenvolvimento linguístico, a gramática-alvo (L2). Nesse processo, as razões que subjazem as produções dos estudantes podem revelar o quanto a gramática de L1 influencia a aquisição do acento primário em L2.

No que diz respeito aos sufixos, uma divisão mais fina será necessária. Para verificar a influência dos padrões acentuais, compreender sufixos mono e dissilábicos é de grande importância. A partir dessa análise, possivelmente poderemos pensar em diferentes níveis de dificuldade para aquisição – algo bastante pertinente aos estudos de aquisição de segunda língua. Além disso, será possível observar que padrões silábicos colaboram com determinadas posições acentuais.

Após analisadas as questões acima (entre outras), pretende-se analisar, via OT (Prince & Smolensky, 1993), que diferenças no ranking de restrições dão conta das produções dos níveis básico (A), intermediário (B) e avançado (C). Cada um dos níveis deve apresentar características que, paulatinamente, afastam-se da gramática de L1 e aproximam-se da gramática de L2, o que implica dizer que restrições relacionadas ao acento, ao peso silábico entre outros aspectos devem estar ranqueadas diferentemente em cada um desses níveis. Essa análise, contudo, somente será possível nas etapas futuras, já em andamento, desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. AIZAWA, K., MOCHIZUKI, M. An affix acquisition order for EFL learners: an exploratory study. *System* v. 28, p. 291-304, 2000.
2. ALVES, U. K. *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da otimidade*. Dissertação de mestrado. UCPel, 2004.
3. BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
4. BENUA, L. *Transderivational Identity: phonological relations between words*. Dissertation. Massachusetts: University of Massachusetts Amherst, 1997.
5. ELLIS, N. Implicit and Explicit Language learning – An Overview. In: ELLIS, N. (Ed.). *Implicit and Explicit Learning of Languages*. San Diego, CA: Academic Press, 1994b.
6. ELLIS, R. The structural syllabus and second language acquisition. *TESOL Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 91-113, 1993.
7. HAMMOND, M. *The Phonology of English*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
8. HOGG, R. e McCULLY, C. *Metrical Phonology: A Coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
9. HAYES, B. *Introductory Phonology*. Blackwell, 2008.
10. KATAMBA, F.; STONHAM, J. *Morphology*. Lancaster: Palgrave Macmillan, 2006.
11. KIPARSKY, P. Word-formation and the lexicon. In: INGEMANN, F. (ed.). *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, Lawrence, Kansas, 1982.
12. KRASHEN, S. D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Pergamon Press Inc., 1981.
13. LOWIE, W. Exploring a second language: The discovery of morphological productivity. *Eurosla Yearbook* 5, p. 251-268, 2005.
14. PINKER, S. *The Language instinct*. New York: Harper Perennial, 2000.
15. POST, A. *Estratégias de reparo na atribuição do acento primário do inglês por falantes nativos do português brasileiro*. Dissertação. Santa maria: UFSM, 2010.
16. SCHNEIDER, A.; SCHWINDT, L. C. A epêntese vocálica medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica. *Letras de Hoje*, v. 45, n. 1. PUCRS, 2010.
17. STANDER, L. *A Aquisição do Acento Primário em Inglês como LE: O caso de palavras sufixadas, à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação. Pelotas: UCPel, 2007.
18. YAVAS, M. *Applied English Phonology*. Wiley-Blackwell, 2011.

ABSTRACT: This paper is part of a research project on English non-neutral suffix acquisition by Brazilian Portuguese speakers. One of the main objectives of this project is to look at acquisition in an optimality theoretic framework (OT, Prince & Smolensky, 1993). In addition, we intend to examine which constraints are demoted/promoted along the learning of the aforementioned suffixes. The levels under examination are pre-intermediate and advanced. Traditionally, English suffixes are divided into two groups (Siegel (1974), Allen (1978), Kiparsky (1982), etc.): neuters, which do not cause any phonological changes (i.e. stress) in the base to which they are attached (hAppy>hAppiness); and non-neuters, which here are further divided into two sub-groups: (i) those that cause a stress change in the base (ecOnomy>econOmi-ical) or (ii) those that attract primary stress onto themselves (emplOy> employ-EE) – this last group results, most of the time, in oxytones. With regard to the stress patterns found in English, paroxytones are preferred (Hayes (1982); Halle & Vergnaud (1987); Yavas (2006)). In Brazilian Portuguese, paroxytones are also favoured over proparoxytones, for example (Collischonn (2001)). Thus, as oxytones are less favoured in both languages, group (ii) described above could pose some challenge to students learning such suffixes. This paper analyzes a speech production pilot test applied to five intermediate students – all speakers of Brazilian Portuguese. Preliminary results indicate that suffixes causing stress changes within the base (group (i) above) seem to be more transparent to students, possibly due to the resulting stress pattern of such forms – paroxytones –, which is favoured in both the L1 and the L2.

KEYWORDS: Morphophonology, affixes, second language acquisition.